

ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XLVII

REDACTORES
ABÍLIO FERNANDES
ROSETTE BATARDA FERNANDES



Subsidiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica

COIMBRA
1981

MATA DA MARGARAÇA E SUA CONVERSÃO EM RESERVA

por

JORGE A. R. PAIVA *

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

A Mata da Margarça, com uma área aproximada de 50 hectares, ocupa uma encosta com exposição N-NW e ca. de 25° de inclinação, entre 600-850 m de altitude, na Serra de Açor, próximo de Pardieiros, freguesia de Benfeita, concelho de Arganil, distrito de Coimbra (Est. 1 e 2).

Tal como a Mata do Álvaro (situada próximo de Oleiros, no Vale do Zêzere), a Mata da Margarça é uma das raras relíquias da vegetação natural do Centro de Portugal, correndo o risco de se perder (cf. A. R. PINTO DA SILVA in BRAUN-BLANQUET, PINTO DA SILVA & ROZEIRA in Agron. Lusit. 18: 184-185, 1956). A Mata da Margarça constitui um precioso documento da vegetação das encostas xistosas do Centro de Portugal a preservar a todo custo.

O subsolo engloba-se no complexo xisto-grauváquico Ante-Ordovícico, cujos estratos enrugados podem ser perfeitamente observados nas barreiras dos caminhos ali abertos recentemente. O solo característico deste tipo de florestas compõe-se de terra humosa escura, manta-morta constituída por folhas e ramada em decomposição (solo pondo-florestal — cf. A. R. PINTO DA SILVA loc. cit.: 184, 1956).

Esta formação vegetal, segundo BRAUN-BLANQUET, PINTO DA SILVA & A. ROZEIRA (1956), corresponde à sub-associação *Viburnetosum* da associação denominada *Rusco-Quercetum Roboris*, a qual faz parte da aliança *Quercion*

* Centro de Fito-sistemática e Fito-ecologia da Universidade de Coimbra (Ecc2) do Instituto Nacional de Investigação Científica (I. N. I. C.).

occidentale do noroeste da Península Ibérica. Esta aliança, por sua vez, inclui-se na Ordem *Quercetalia Roboris* e na Classe *Quercetea Robori-petraea*. A subassociação referida, acantonada na parte meridional da área da associação, diferencia-se por acentuada representação de espécies mediterrânicas, reflectindo assim as condições do clima.

O seu estudo florístico mostrou que se trata de uma floresta muito antiga de magníficos castanheiros (*Castanea sativa* Miller) e carvalhos (*Quercus robur* L.), tendo como elementos menos abundantes o azereiro (*Prunus lusitanica* L. ssp. *lusitanica*), o loureiro (*Laurus nobilis* L.), o azevinho (*Ilex aquifolium* L.), o medronheiro (*Arbutus unedo* L.), o folhado (*Viburnum tinus* L. ssp. *tinus*), a aveleira (*Corylus avellana* L.) e ainda, a cerejeira (*Prunus avium* L.) e a gingeira (*Prunus cerasus* L.). No estrato subarbustivo predominam a gilbardeira (*Ruscus aculeatus* L.), as silvas (*Rubus coutinhoi* Samp.), a madresilva (*Lonicera periclymenum* L. subsp. *periclymenum*), etc.

Entre as bolbosas e rizomatosas, além de várias espécies de fetos [*Polypodium australe* Fée, *Polypodium interjectum* Shivas, *Asplenium onopteris* L., *Blechnum spicant* (C.) Roth, *Cystopteris fragilis* (L.) Bernh., *Athyrium filix-femina* (L.) Roth, *Dryopteris filix-mas* (L.) Schott, etc.], podem observar-se com uma certa abundância plantas interessantes da flora portuguesa e algumas já raras como o martagão (*Lilium martagon* L.), o selo de Salomão [*Polygonatum odoratum* (Mill.) Druce], *Eryngium duriaei* Gay ex Boiss., narcisos (*Narcissus bulbocodium* L. e *N. triandrus* L. subsp. *triandrus*) e nas linhas de água plantas herbáceas pouco comuns em Portugal, como a *Veronica montana* L. e o *Chrysosplenium oppositifolium* L., muitas hepáticas, fungos e algas. No fim deste trabalho apresenta-se um apêndice com a lista das plantas vasculares herborizadas na Mata da Margarça durante 1979 e 1980.

O primeiro inventário fitossociológico da Mata, de que temos conhecimento é do Eng.º A. R. PINTO DA SILVA efectuado em 1950 (comunicação oral), o qual foi depois revisto por ele e o Prof. P. DANSEREAU em 1955 (BRAUN-BLANQUET, PINTO DA SILVA & A. ROZEIRA: 183, 1956).

Em 1956, A. R. PINTO DA SILVA alude à Mata afirmando, a dada altura, que se trata «d'un joyau qu'il faudrait conserver».

Em 1974, o Prof. BAETA NEVES, na *Gazeta das Aldeias*, apresenta também uma lista de plantas colhidas na Mata, embora muito reduzida. Aí e mais tarde (1978) em *A Comarca de Arganil*, também chama, com veemência, a atenção do público para a Mata que estava correndo sérios riscos de ser destruída.

Na Mata predomina o castanheiro explorado em certas áreas no regime de talhadio simples, tendo sido calculada uma população média de 235 castanheiros por hectare (S. FERRÃO, 1946).

É certo que a Mata está um tanto degradada, podendo dizer-se que estará até alterada em relação às características primitivas, devido a cortes, derrubes e incêndios (embora pouco frequentes e de estragos pouco importantes, como se pode verificar pelos resultados do incêndio do dia 5 de Outubro de 1978), mas é das raras e mais significativas relíquias que nos restam da floresta que teria coberto a maior parte das encostas das serranias do Centro de Portugal.

Não sabemos exactamente ainda a importância faunística da Mata, mas não temos dúvidas que é um santuário de nidificação de muitas aves. Sabemos da existência de javalis [*Sus scrofa* (L.)], não só pelas notícias vindas a público (*Comarca de Arganil* de 30/5/970 e 30/9/978), como por informações do actual guarda (Sr. LUÍS MENDES DA COSTA, residente em Benfeita), como ainda pelas pistas e vestígios desses animais que encontrámos. O javali, porém, foi reintroduzido, mas é evidente que fazia parte da fauna primitiva da área e, por isso, não vemos inconveniente em que esses animais continuem na Mata, embora saibamos que os agricultores das áreas circunvizinhas se queixam de estragos provocados nas culturas. Têm sido igualmente detectados outros mamíferos mais comuns, como, por exemplo, um dos ratos do campo [*Apodemus sylvaticus* (L.)], que foi capturado numa das nossas últimas visitas à Mata.

Está projectado um estudo analítico da distribuição das plantas e dos animais dentro da Mata, e respectiva dependência de parâmetros meteorológicos (humidade, temperatura, insolação, pluviosidade, agitação do ar) e biológicos. Para tal utilizar-se-á o método de taxonomia numérica conhecido por «Trend-surface analysis». O estudo está incluído no parágrafo 3 do capítulo II de um projecto subsidiado pelo DAAD (Deutscher Akademischer Austrandsdienst): 3) «Okologische Studien in Zusammenarbeit dem Botanischen Institut der Universität Coimbra uber eine isolirte Floren und Faunengesellschaft in der Serra de Açor (Mata da Margaraça) befinden sich in Vorbereitung».

O estudo florístico da Mata está incluído na linha de acção 1 do Centro de Fito-sistemática e Fito-ecologia (EcC2) do Instituto Nacional de Investigação Científica.

Fazendo um resumo histórico da «batalha» para a conversão da Mata em «reserva» podemos começar em 1956 com as palavras, já referidas de A. R. PINTO DA SILVA «d'un joyau qu'il faudrait conserver». É mesmo por sugestão de A. R. PINTO DA SILVA que a Liga para a Protecção da Natureza a inclui na «lista dos locais a proteger em Portugal Continental» elaborada pelo Conselho Técnico daquela Liga no final de 1972, e enviado aos sócios em 1973. Segue-se-lhe, em 1972, o Prof. BAETA NEVES que, na *Gazeta das Aldeias*, após extenso artigo sobre a Mata, termina dizendo «que não se demorem mais as decisões a tomar, que a Mata da Margaraça venha a ser «reserva», é quanto se deseja e quanto se pede em sua defesa e em defesa dos interesses colectivos em causa».

Também a Liga para a Protecção da Natureza já se dirigiu a entidades governamentais solicitando a conversão daquela Mata em reserva. Assim, no relatório da Direcção relativo ao ano de 1973, pode ler-se: «1 — *Matas de Margaraça e de Ansião*: foi pedido à Secretaria de Estado da Agricultura para serem reservadas esta Mata da Margaraça (Coja) e as áreas de maior interesse povoadas do *Quercus faginea* dos arredores de Ansião. A Secretaria de Estado da Agricultura informou ainda não ter tido opor-

tunidade de apreciar o problema, reconhecendo-lhe todavia a sua importância».

Procurando alertar os governantes e apelar para a sensibilização do público, a Sociedade Broteriana promoveu uma visita à Mata da Margarça por ocasião das Comemorações do seu I Centenário, tendo encerrado o Simpósio com uma conferência proferida pelo Prof. BAETA NEVES no Salão Nobre da Câmara Municipal de Arganil sobre «Problemas da Protecção da Natureza em Portugal — Aspectos Históricos e Actuais».

Devido aos esforços feitos pela população de Pardieiros, pelo Eng.º Téc. Agr. DUARTE PESSOA na imprensa escrita (1979) e falada, e ainda aos bons ofícios do Sr. CARLOS RIBEIRO, então Presidente da Câmara de Arganil, a Mata da Margarça está actualmente protegida de destruição pelo Decreto-Lei n.º 25/79, de 27 de Março. No entanto e infelizmente, essa protecção é apenas provisória, pois no parágrafo 1 do artigo 3.º do referido Decreto-Lei, estipula-se o prazo de dois anos para a vigência das medidas preventivas legisladas, embora podendo tal período ser prorrogado.

Tendo, muito recentemente, expirado tal prazo, o actual Presidente da Câmara de Arganil, Professor JOSÉ DIAS COIMBRA, conseguiu que fosse prorrogado, pelo menos, por mais um ano, aguardando-se, para muito breve, a respectiva publicação no Diário da República.

Devido à situação precária da protecção de um dos mais ricos mananciais da flora e fauna selvagens do País, a Sociedade Broteriana tem mobilizado todos os esforços no sentido de conseguir das entidades oficiais a aquisição definitiva da referida Mata e a sua conversão em reserva, no que tem sido exemplarmente acompanhada pela Câmara Municipal de Arganil. Para a concretização desse objectivo, já se encontram em poder do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, cujo Presidente visitou oportunamente a Mata acompanhado por membros da Sociedade Broteriana e da Câmara Municipal de Arganil, todos os elementos necessários e justificativos.

Por ocasião da visita promovida pela Sociedade Broteriana durante as Comemorações do seu I Centenário con-

seguiu-se reunir na Mata o Presidente do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, Arq.º FERNANDO PESSOA; o Presidente da Sociedade Broteriana, Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES; o Presidente da Câmara de Arganil, Professor JOSÉ DIAS COIMBRA; o Presidente da Junta de freguesia de Benfeita, Sr. MANUEL SIMÕES; o proprietário da Mata, Dr. EDUARDO NUNES MARQUES; elementos da vereação da Câmara de Arganil e da Junta de Freguesia de Arganil e Benfeita; e ainda muitos sócios da Sociedade Broteriana, que a percorreram demoradamente.

Atendendo a que não há qualquer outra localidade onde se encontre representada de uma maneira tão perfeita e completa uma formação vegetal com as características apontadas de cobertura florística primitiva do Centro do País, o Presidente da Sociedade Broteriana enviou ao Presidente do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico os seguintes considerandos justificativos da criação da reserva:

- «a) que a formação vegetal aí representada está neste momento pouco degradada e que os caminhos aí abertos com o objectivo de explorar a madeira dos castanheiros estarão dentro em pouco ocupados pela vegetação natural;
- b) que o seu estudo fitossociológico é ainda incompleto e que terá de ser feito antes que a Mata se degrade;
- c) que na sua flora existem espécies cientificamente interessantes, quer em relação à flora mundial, quer à do nosso País, como *Eryngium duriaei* Gay ex Boiss., *Genista falcata* Brot., *Luzula sylvatica* (Hudson) Gaudin subsp. *henriquesii* (Degen.) P. Silva, *Crepis lampsanoides* (Gouan) Tausch, *Circaea lutetiana* L., *Sanicula europaea* L., *Veronica micrantha* Hoffmanns. & Link, *V. montana* L., *Peribalia involucrata* (Cav.) Janka, *Moehringia pentandra* Gay, *Primula vulgaris* Huds., *Narcissus triandrus* L. var. *cernuus* (Salisb.) Baker, *Narcissus bulbocodium* L., *Chrysosplenium opposifolium*, etc.;

- d) que na sua flora existem espécies de valor hortícola ornamental entre as quais se salientam *Lilium martagon* L., *Narcissus triandrus* L. var. *cernuus* (Salisb.) Baker, *Narcissus bulbocodium* L., *Linaria triornitophora* (L.) Willd., *Omphalodes nitida* Hoffmanns. & Link, *Primula vulgaris* Huds., *Aquilegia dichroa* Freyn, *Ilex aquifolium* L., *Polygonatum odoratum* (Miller) Druce, *Lonicera periclymenum* L., *Viburnum tinus* L., *Laurus nobilis*, etc.;
- e) que nessa flora se encontram algumas espécies — *Castanea sativa* Miller, *Prunus lusitanica* L., *Prunus avium* L. (escapada da cultura) *Prunus cerasus* L. (também escapada da cultura), *Arbutus unedo* L., *Corylus avellana* L., etc. — correspondentes ou afins de outras cultivadas, podendo possuir genes úteis que possam ser transferidos para as cultivadas com o objectivo de obter raças melhoradas;
- f) que a conversão da Mata da Margaraça em Reserva Protegida contribuiria eficazmente para evitar a eventual extinção de espécies de interesse científico e permitiria a existência de reservatório de genes (gene-pool dos autores de expressão inglesa) a que se poderia recorrer para o melhoramento de algumas plantas hortícolas e de outras produtoras de alimentos;
- g) que a Mata possui uma flora de Criptogâmicas (algas, fungos, líquenes e briófitas) muito abundante que necessita de ser inventariada;
- h) que a Mata, por ser constituída principalmente por essências folhosas, actua como obstáculo à propagação de incêndios;
- i) que a Mata tem todas as condições para se transformar num laboratório natural da região do Centro do País, desde que a ela tenham acesso, sem peias burocráticas, os cientistas — geólogos, botânicos e zoólogos — que ali desejem efectuar observações e colher espécimes para ulteriores estudos de gabinete ou laboratório;

- j) que seria um verdadeiro crime científico, cultural e paisagístico que o Estado permitisse que a Mata fosse destruída, o que acarretaria uma modificação do eco-sistema ali reinante.

Impõe-se que o Estado, através do Serviço de Parques, Reservas e Património Paisagístico proceda à aquisição da referida Mata no sentido de ser convertida em Reserva Protegida».

Por outro lado, a Câmara Municipal de Arganil, através do actual Presidente, Professor JOSÉ DIAS COIMBRA, tem efectuado diligências junto do Director-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, Eng.º JOSÉ ALBERTO COBRA QUITA QUITA, para que se efectue a aquisição da referida Mata, o mais urgentemente possível, antes de expirado o prazo de um ano de prorrogação recentemente conseguido. Aliás o Eng.º JOSÉ ALBERTO COBRA QUITA QUITA, assim como o Arq.º ALBERTO VILANOVA, Director-Geral do Serviço de Estudos do Ambiente, também tinham sido convidados pelo Presidente da Sociedade Broteriana, para estarem presentes na visita à Mata da Margarça efectuada no último dia das Comemorações do Centenário da Sociedade. Essas diligências têm tido algum êxito, mas não se conseguiu ainda a verba necessária. Há, no entanto, algumas esperanças como se pode verificar pelas palavras do Director-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal no recente officio (27 de Fevereiro de 1981) enviado ao Presidente da Câmara de Arganil:

«No seguimento das diligências para a aquisição pelo Estado da Mata da Margarça, sita nesse concelho, levo ao conhecimento de V.ª Ex.ª que a Direcção-Geral do Património do Estado informou que «tal aquisição não poderá ser encarada de conta do Orçamento Geral do Estado para 1981».

Acusando a recepção desse officio, e dado o interesse de que se reveste a aquisição para a Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal da Mata da Margarça, solicitamos à Direcção-Geral do Património do Estado que fosse encarada a possibilidade de aquisição da Mata por conta do Orçamento Geral do Estado para 1982».

Foi no século XIII, durante a regência de D. AFONSO III, que a Mata da Margarça passou a ser propriedade dos Bispos Condes de Coimbra. Foi D. EGAS FAFES, então Bispo de Coimbra, quem comprou a Mata da Margarça a MARTINHO PENA SANTARENA, pagando-a com dinheiro do seu próprio bolso. Por doação testamentária passou para a posse da Diocese de Coimbra. Mais tarde, no século XIX, por integração pelo Regime Constitucional implantado após a instauração do regime liberal, finda a Guerra Civil entre as hostes de D. PEDRO e D. MIGUEL, passou para a posse do Estado. Nessa altura a Mata estava na dependência da 4.^a Administração subordinada à Administração Geral das Matas do Reino e tinha um Administrador (o do concelho de Coja) e um guarda. O Bispado tentou em vão reaver a propriedade. Infelizmente, os domínios da Mata da Margarça, que não incluem apenas a floresta mas também terras de cultivo, tornaram a ser propriedade privada após a venda em hasta pública. Ainda não conseguimos averiguar a data exacta desta transacção, mas pensamos ter sido nos fins do século passado. Também não nos foi ainda possível averiguar quem foi o particular que adquiriu a Mata nessa altura. Sabemos e temos dados de herdeiros (donos da Mata) naturais de Avô, que finalmente a venderam ao actual proprietário, Dr. EDUARDO NUNES MARQUES, de Albergaria.

Segundo S. FERRÃO (1946), os Serviços Florestais tiveram a pretensão de adquirir a Mata (pág. 62): «Pretendem os Serviços Florestais adquiri-la a fim de a integrar nos perímetros em arborização para nela instalar na parte baixa ou de várzea os viveiros destinados a fornecer as plantas para o revestimento das serras»; e ainda mais adiante na pág. 77: «Constata-se pela apreciação dos três factores apresentados na alínea a) do capítulo «Estudo sobre a Quinta da Margarça» que são bem fortes as razões que levam os nossos Serviços Florestais a comprar e a incluir esta propriedade no seu património»; e finalmente na pág. 86: «A aquisição desta Mata está para ser feita pelos Serviços Florestais Nacionais e então nós talvez poderemos encontrar esta ignota quinta num dos centros turísticos mais visitados».

Infelizmente tal compra não se concretizou, tendo-se perdido uma excelente oportunidade de perpetuar, na posse dos Serviços Florestais, um invejável «banco de genes» de um ecossistema natural.

Muito mais haveria a dizer sobre a Mata e o interesse em a proteger. No entanto, julgamos esta síntese suficiente para justificar a tomada imediata de medidas definitivas para salvaguardar este raro e quase único testemunho, não só da flora primitiva portuguesa, como até da europeia, onde, praticamente, já não existem florestas naturais (v. «Mensagem de Intelaken», 22-26.IX.1975).

BIBLIOGRAFIA

ANÓNIMO

- 1949 Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis (Livro das Kalendas). Coimbra. I: 321 p.
- 1953 Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis (Livro das Kalendas). Coimbra. II: 328 p.
- 1978 A Mata da Margarça foi afectada 50 % por violento incêndio. *A Comarca de Arganil* 7819: 1-2.
- 1978 Estrada Pardieiros-Monte Frio. *A Comarca de Arganil* 7753: 2.
- 1979 Estudo florístico da Mata da Margarça. *A Comarca de Arganil* 7781: 5.
- 1980 As comemorações do Centenário da Sociedade Broteriana foram encerradas em Arganil. *A Comarca de Arganil* 8110: 1, 5.
- 1980 Arganil. O homem da Serra contra o tempo. *O Primeiro de Janeiro*; Supl. Regiões: VIII e XV.

AMARAL FRANCO, J.

- 1971 *Nova Flora de Portugal*. 1. Lisboa.

BAETA NEVES, C. M. L.

- 1974 A procura da Mata da Margarça. *Gazeta das Aldeias* 79, 2755: 202-209.
- 1978 A Mata da Margarça e os interesses nacionais em causa. *A Comarca de Arganil* 7811: 1, 5.
- 1978 A abertura das Matas Nacionais ao público e seus problemas. *A Comarca de Arganil* 7821: 1-2.
- 1979 O Turismo e a Protecção da Natureza. *A Comarca de Arganil* 7881: 1, 5.

BRAUN-BLANQUET, J., PINTO DA SILVA, A. R. & ROZEIRA, A.

- 1956 Résultats de deux excursions géobotaniques à travers le Portugal septentrional et moyen. II — Chênaies à feuilles caduques (*Quercion occidentale*) et chênaies à feuilles persistentes (*Quer-*

- cion *fagineae*) au Portugal. *Agron. Lusit.* 18, 3: 167-234, pl. 1-5.
- CABRAL, J.
1978 A Mata da Margarça. *A Comarca de Arganil* 7817: 1, 5.
- CARVALHO, A. M.
1944 [A Mata da Margarça]. *Guia de Portugal* 7: 419.
- CORREIA, E.
1978 A Mata da Margarça — O seu valor, a sua beleza, devem ser mantidos, respeitados religiosamente. *A Comarca de Arganil* 7820: 1, 5.
- COSTA, A.
1940 Dicionário chorographico de Portugal Continental e Insular 7: 1120.
- FERRÃO, S. M.
1946 *Relatório do tirocínio do curso de Regente Agrícola*. 96 p., 1 mapa.
- FRANCISCO, S.
1979 A Mata da Margarça já tem legislação protectora. *A Comarca de Arganil* 7877: 1-2.
- MATHIAS, M.
1972 Dom Egas Fafes — 13.º Bispo de Coimbra e a Mata da Margarça. *A Comarca de Arganil* 6858: 1-2.
- PAIVA, J. A. R.
1980 A Conservação da Mata da Margarça. *Bol. C. Biol.* 1: 14-16.
1980 Breve notícia sobre a Mata da Margarça. *A Comarca de Arganil* 8032: 1-2.
1981 Incêndios florestais e a Mata da Margarça. *A Comarca de Arganil* 8247: 1-2.
- PEREIRA COUTINHO, A. X.
1939 *A Flora de Portugal*, ed. 2. Lisboa.
- PESSOA, D.
1979 Semana Florestal/79. A Mata da Margarça. *Diário de Coimbra*, 16.III: 4; *Comarca de Arganil* 7883: 1-2.
- RICHARDS, P. W.
1971 Some problems of nature conservation in the tropics. *Bull. Jard. Nat. Belg.* 41, 1: 173-187.
- TUTIN, G. & al. (edit.)
1964-80 *Flora Europaea*. 1 (1964); 2 (1968); 3 (1972); 4 (1976); 5 (1980). University Press. Cambridge.

LISTA DAS PLANTAS VASCULARES
HERBORIZADAS NA MATA DA MARGARAÇA ¹

PTERIDOPHYTA

- Asplenium billotii* F. W. Schultz
— *onopteris* L.
— *trichomanes* L.
Athyrium filix-femina (L.) Roth
Blechnum spicant (L.) Roth
Cystopteris fragilis (L.) Bernh.
Dryopteris filix-mas (L.) Schott
Polypodium australe Fée
— *interjectum* Shivas
Polystichum setiferum (Forsk.) Woynar

SPERMATOPHYTA

DICOTYLEDONES

APOCYNACEAE

- Vinca difformis* Pourret

AQUIFOLIACEAE

- Ilex aquifolium* L.

ARISTOLOCHIACEAE

- Aristolochia longa* L.

BORAGINACEAE

- Omphalodes nitida* Hoffmanns. & Link

¹ Elaborada em colaboração com ISABEL NOGUEIRA.

CAMPANULACEAE

- Campanula lusitanica* L. subsp. *lusitanica*
 — *rapunculus* L.
Jasione montana L.

CAPRIFOLIACEAE

- Lonicera periclymenum* L. subsp. *periclymenum*
Sambucus nigra L.
Viburnum tinus L. subsp. *tinus*

CARYOPHYLLACEAE

- Cerastium glomeratum* Thuill.
Arenaria montana L. subsp. *montana* Thuill.
Moehringia pentandra Gay
 — *trinervia* (L.) Clairv.
Scleranthus annuus L. subsp. *polycarpus* (L.) Thell.
Silene patula Desf.
Spergula pentandra L. subsp. *morisonii* Boreau
Spergula arvensis L.
Stellaria media (L.) Vill.

COMPOSITAE

- Anthemis arvensis* L. subsp. *arvensis*
Chamaemelum nobile (L.) All. (= *Anthemis nobilis* L.)
Cirsium palustre (L.) Scop.
Conyza canadensis (L.) Cronq.
Crepis lampsanoides (Gouan) Tausch
Inula conyza DC.
Picris hieracioides L. subsp. *hieracioides*
Senecio sylvaticus L.
 — *lividus* L.

CORYLACEAE

- Corylus avellana* L.

CRASSULACEAE

- Sedum arenarium* Brot.
 — *forsterianum* Sm.
Umbilicus alpestris (Salisb.) Dandy

CRUCIFERAE

- Brassica barrelieri* (L.) Janka ssp. *barrelieri* (= *B. sabularia* Brot.)
Cardamine flexuosa With.
Teesdalia nudicaulis (L.) R. Br.

ERICACEAE

- Calluna vulgaris* (L.) Hull.
Arbutus unedo L.
Erica australis L.
— *arborea* L.

FAGACEAE

- Castanea sativa* Miller
Quercus robur L.

GERANIACEAE

- Geranium lucidum* L.
Geranium molle L.
— *purpureum* Vill.
— *pyrenaicum* Burm. fil.
Erodium cicutarium (L.) L'Hér. subsp. *cuticularium*

GUTTIFERAE

- Hypericum androsaemum* L.
— *humifusum* L.
— *perforatum* L.

LABIATAE

- Lamium maculatum* L.
Prunella vulgaris L.

LAURACEAE

- Laurus nobilis* L.

LEGUMINOSAE

- Coronilla repanda* (Poiret) Guss. subsp. *dura* (Cav.) Coutinho
Cytisus striatus (Hill.) Rothm. (= *C. pendulinus* L. fil.)
Genista falcata Brot.
Lotus pedunculatus Cav.
Trifolium pratense L.

OLEACEAE

- Phillyrea angustifolia* L.

ONAGRACEAE

- Circaea lutetiana* L.
Epilobium lanceolatum Sebastiani & Mauri

PAPAVERACEAE

Chelidonium majus L.

PLANTAGINACEAE

Plantago lanceolata L.

POLYGONACEAE

Rumex bucephalophorus L. subsp. *bucephalophorus*

PRIMULACEAE

Primula vulgaris Hudson subsp. *vulgaris*

RANUNCULACEAE

Aquilegia dichroa Freyn*Ranunculus ficaria* L. subsp. *ficaria*— *gregarius* Brot.

RESEDACEAE

Reseda media Lag.

ROSACEAE

Fragaria vesca L.*Prunus avium* L.— *cerasus* L.— *lusitanica* L. subsp. *lusitanica**Rubus coutinhoi* Samp.

RUBIACEAE

Galium album Miller subsp. *album*— *rotundifolium* L.

SALICACEAE

Salix atrocinerea Brot.

SAXIFRAGACEAE

Chrysosplenium oppositifolium L.*Saxifraga granulata* L.

SCROPHULARIACEAE

Anarrhinum bellidifolium (L.) Willd.*Digitalis purpurea* L. subsp. *purpurea*

Linaria triornithophora (L.) Willd.
Scrophularia auriculata L.
Veronica micrantha Hoffmanns. & Link
— *montana* L.
— *officinalis* L.

ULMACEAE

Ulmus minor Miller

UMBELLIFERAE

Eryngium duriaei Gay ex Boiss.
Physospermum cornubiense (L.) DC.
Sanicula europaea L.

URTICACEAE

Urtica dioica L.

VALERIANACEAE

Valerianella carinata Loisel.

VIOLACEAE

Viola riviniana Reichenb.

MONOCOTYLEDONES

AMARYLLIDACEAE

Narcissus triandrus L. subsp. *triandrus*

CYPERACEAE

Carex pendula Hudson
— *remota* L.

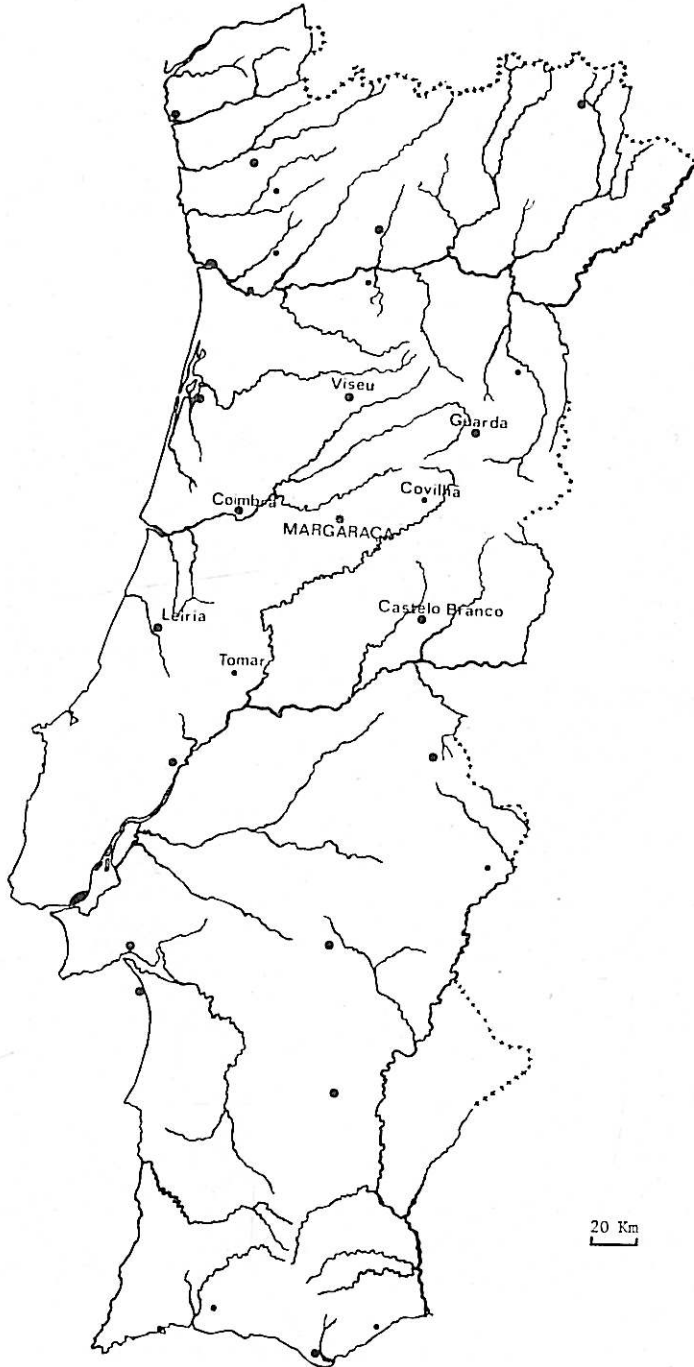
GRAMINEAE

Agrostis castellana Boiss. et Reuter
— *delicatula* Pourret ex Lapeyr. (= *A. truncatula* Parl.)
Briza maxima L.
Deschampsia flexuosa (L.) Trin.
Holcus lanatus L.
Periballia involucrata (Cav.) Janka

IRIDACEAE

Romulea bulbocodium (L.) Sebastiani & Mauri

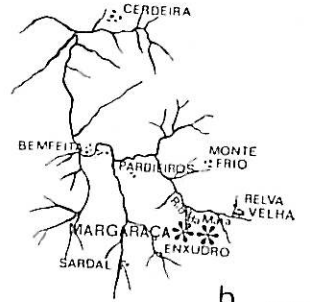
*JUNCACEAE**Luzula forsteri* (Sm.) DC.— *sylvatica* (Hudson) Gaudin ssp. *henriquesii* (Degen) P. Silva*LILIACEAE**Lilium martagon* L.*Polygonatum odoratum* (Miller) Druce*Ruscus aculeatus* L.*Scilla monophyllos* Link*ORCHIDACEAE**Epipactis palustris* (L.) Crantz



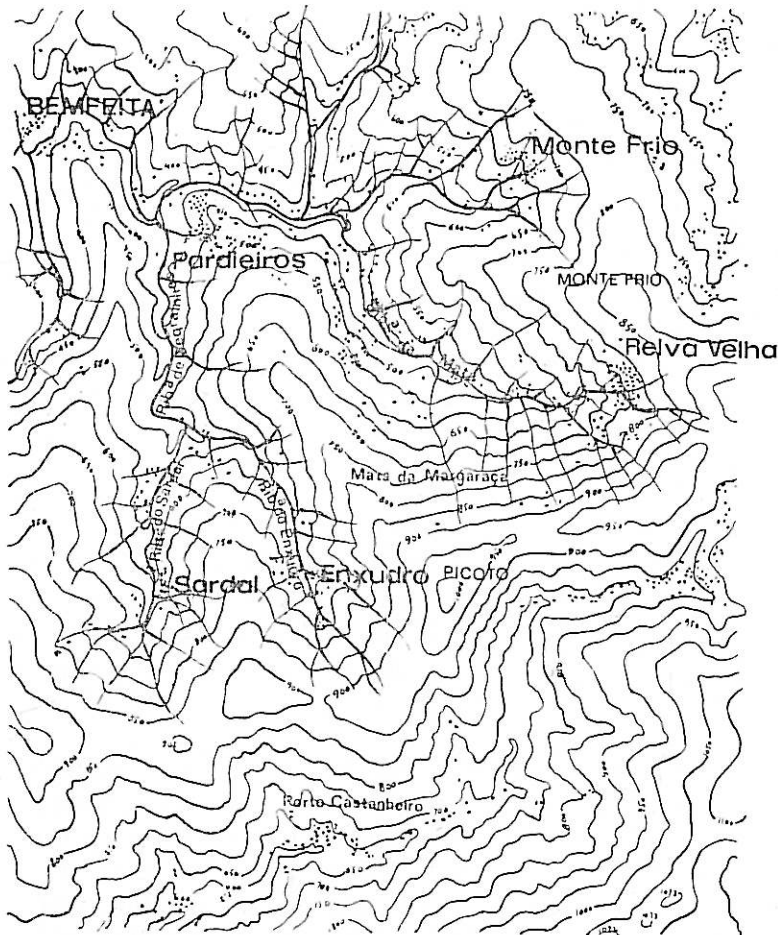
Localização da Mata da Margaraca.



a



b



c

- a. — Via de acesso à Mata da Margarça.
 b. — Localização da Mata da Margarça com indicação dos aldeamentos mais próximos.
 c. — Localização mais pormenorizada da Mata da Margarça.